



SÍNODO
LISBOA 2016

**RELATÓRIO FINAL DO TERCEIRO
TRIMESTRE**

O segundo capítulo da Exortação Apostólica *Evangelii gaudium* foi lido e meditado por um grande número de pessoas do Patriarcado de Lisboa no âmbito da caminhada sinodal, de Abril a Junho de 2015. A presente síntese pretende refletir as linhas gerais que foram refletidas e estão presentes no Relatório Final que constitui com a proposta a ser levada a debate no Sínodo. A divisão temática por que se optou é a mesma que se seguiu na síntese do relatório dos trimestres anteriores, tendo-se substituído as designações Real, Profético e Sacerdotal, respetivamente, por «Diaconia e Caridade», «*Kerygma* e Evangelização» e «Liturgia e Espiritualidade».

1. CONSTATAÇÕES

1.1. Externas: olhar para o mundo

No que toca à sociedade atual, assistimos a uma mudança antropológica fruto da globalização que alterou o paradigma das relações humanas nas suas formas.

Muitos não-cristãos vivem a generosidade e a disponibilidade para a luta em favor dos direitos humanos e da dignidade, procurando estabelecer a fraternidade e a justiça social.

Nota-se que o mundo vive um consumismo e uma cultura do descartável. Muitos preocupam-se exclusivamente com os seus direitos e a sua satisfação, numa cultura de individualismo. Também a estética que se procura hoje está orientada para a satisfação e não para a contemplação.

Há uma insatisfação em alguns jovens que os leva, por exemplo, a aderir ao Estado Islâmico. Alguns procuram e defendem um ateísmo científico.

Não havendo reações agressivas relativamente aos princípios doutrinários da Igreja, verifica-se, da parte de alguns, uma relutância em aceitar a hierarquia. Porém, o testemunho e as palavras do Papa Francisco têm uma grande visibilidade e aceitação na sociedade civil.

A educação artística não é acessível para todos.

Verificamos um descrédito da fé, por esta ser associada à ignorância e ao desconhecimento científico, o que gera indiferença em relação à proposta religiosa e a conseqüente perda do sentido do sagrado. O crescendo de pessoas agnósticas também se enquadra nesta problemática.

Certos conteúdos televisivos são promotores de uma cultura que desumaniza a sociedade.

O dinheiro que as festas populares religiosas fazem circular é, para alguns, motivo de irritação, porque, a partir daí, olham para a Igreja como um negócio.

1.2. Internas

A comunicação a nível diocesano e paroquial é tendencialmente amadora, não sendo objeto de um investimento apropriado por parte da Diocese.

Reconhece-se uma dificuldade de compreender e dialogar com as culturas que promovem a guerra e a perseguição e não se compreende, por exemplo, o que possa levar uma pessoa a aderir ao Estado Islâmico. De

modo mais específico, algumas comunidades reconhecem a sua dificuldade em acolher, dialogar e compreender a etnia cigana e as culturas africana, chinesa e islâmica, embora alguns testemunhem, no sentido inverso, que a integração multirracial acontece favoravelmente. A este propósito, alguns referem que ainda subsiste algum preconceito face aos mais afastados.

São uma minoria aqueles que, nas relações diárias, anunciam explicitamente Jesus; alguns justificam esta ausência com o medo de serem mal interpretados, a incapacidade, a falta de preparação (neste sentido, aponta-se a dificuldade de fazer apostolado e formação em simultâneo) ou de coragem e a falta de fé. Há mais facilidade em falar de assuntos religiosos do que da pessoa de Jesus. A este propósito, muitos afirmam que a prática da caridade é um anúncio real de Jesus.

Algumas paróquias sentem a dificuldade em não envolver sempre as mesmas pessoas nas suas estruturas de formação e aprofundamento da vida cristã, que alguns avaliam como monótonas, havendo falta de pessoas mais jovens, nomeadamente catequistas e animadores. No mesmo sentido, algumas estruturas pastorais estão compartimentadas, reduzindo assim as possibilidades de colaboração e gerando, por vezes, alguma competitividade, rivalidade, autoritarismo e procura de protagonismo. O mau testemunho que daí se retira é, para muitos, razão de descrédito e torna-se evidente a necessidade de uma catequização sobre a dimensão comunitária da fé (é importante que se mude o sujeito da evangelização, saindo do «eu evangelizo» e passando para o «nós evangelizamos»). No sentido oposto, alguns referem que a diversidade de grupos paroquiais permite que se chegue a mais tipos de pessoa.

Alguns referem que a escuta das opiniões, das angústias, das dúvidas, é um ponto fraco nas comunidades, ao que se associa a dificuldade de integrar pessoas que, por diversas razões, possam fugir aos padrões idealizados.

A desconfiança face a movimentos da Igreja deve-se, na opinião de alguns, ao pouco conhecimento que deles possuem. No entanto, alguns referem que há movimentos que se fecham em si próprios.

Outros referem que os pastores são, em muitos casos, a origem das dificuldades dentro das comunidades, quando não as conhecem e quando não se mostram disponíveis. Do mesmo modo, muitos referem a falta de empenho dos pastores para com os jovens mais desfavorecidos. Outros referem também uma desadequação da formação intelectual e cultural dos pastores relativamente às comunidades. Muitos sentem que os seus pastores estão sobrecarregados e dispersos por muitas atividades eclesiais, não estando disponíveis para acompanhar espiritualmente. A este propósito, alguns referem que o acompanhamento espiritual (por parte do pároco e não só) é marcado, por vezes, pela falta de envolvimento real com as pessoas. Por vezes o padre é sentido mais como um psicólogo do que como um diretor espiritual.

Num sentido inverso, alguns reconhecem que há comunidades paroquiais que não cuidam dos seus pastores.

Muitos sentem que a paróquia se organiza como um círculo fechado, demasiadamente centrada no pároco. Algumas comunidades reconhecem-se instaladas e fechadas sobre si, havendo muitos cristãos que são obstáculo aos que estão mais afastados. Neste sentido, muitos cristãos estão conscientes de que o acolhimento é um ponto frágil na sua comunidade. A dificuldade de conhecer os horários das missas, confissões e atendimento do pároco é notória, sendo, para alguns, pouco frequente encontrar as Igrejas abertas. Em sentido inverso, outros sentem que o acolhimento acontece realmente.

Muitos referem a falta de tempo e oportunidade para os cristãos se reunirem, por dificuldades nos horários de trabalho distintos; muitos trabalham por turnos, quando a maioria das paróquias tem atividades primordialmente à noite. A conciliação dos horários de trabalho com as responsabilidades familiares e a agenda paroquial é difícil, havendo, no entanto, em muitos, um visível espírito de sacrifício e de entrega. A falta de oração em família é notória e chama a atenção para a urgência de uma evangelização na família.

Alguns sentem que as propostas pastorais são primordialmente dirigidas aos jovens, em detrimento dos adultos (idosos e desempregados). Verifica-se também que as gerações mais velhas experimentam um constante fracasso na transmissão da experiência cristã às gerações mais novas.

Particularmente na cidade, alguns notam uma fraca vinculação territorial e comunitária. Outros referem que o sentido de Igreja se tem perdido (por exemplo, muitas crianças que frequentam a catequese não têm prática dominical, nem a sua família), referindo, nesta mesma lógica, a importância dos momentos de um convívio que permita o conhecimento mútuo e o estabelecimento de relações de proximidade e confiança.

Muitos afirmam que a piedade popular traduz de uma forma simples os conteúdos da fé. As expressões populares permitem manter os vínculos religiosos dos emigrantes. Quando não se limitam ao esbanjamento e ao exibicionismo, as expressões de piedade popular geram partilha, unidade e empenhamento pelo bem comum. As expressões de piedade popular mais proeminentes são o rosário, as peregrinações, as procissões e romarias, as novenas, as devoções marianas, as promessas, a via-sacra. Em sentido inverso, nota-se que as festas populares perderam, em muitos casos, a dimensão religiosa.

Há muitos cristãos que vivem um ateísmo prático, e reconhece-se um grande número de crentes que se centram na normatividade e vivem uma religiosidade vazia de Deus. Reconhece-se também que muitos vivem desanimados.

Alguns afirmam que os cristãos têm pouca participação na vida da sociedade, e notam a importância do envolvimento dos crentes na vida política local.

Iniciativas como a Escola de Leigos e as atividades da pastoral familiar diocesana são bem-recebidas, embora muitos sintam a falta de oportunidades para uma formação mais sólida.

Iniciativas como o Eu Acredito, a Missão País, os Campos de Férias Católicos e Semanas Missionárias são olhadas com entusiasmo, particularmente por serem um meio de redescoberta da fé para muitos jovens.

Alguns referem que não há uma evangelização explícita no mundo do trabalho, particularmente nas áreas do ensino, política, ciência e economia. Por outro lado, muitos valorizam o trabalho feito pela Associação Cristã de Empresários e Gestores, pela Associação de Psicólogos Católicos, pela Associação dos Juristas Católicos, e pela Associação Católica de Enfermeiros e Profissionais de Saúde.

Foi referido que são poucos os grupos especificamente missionários na diocese.

A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica é considerada importante um meio eficaz de evangelização; em contrapartida, verifica-se que não tem, em muitas escolas, horários acessíveis.

As escolas católicas, bem como a Universidade Católica, estão, na opinião de muitos, associadas a escolas de luxo, quase exclusivamente para as elites, tendo as primeiras deixado de prover à educação dos mais desfavorecidos.

A transmissão televisiva da missa é um bom meio de evangelização.

Alguns referem que as iniciativas como as “folhas pastorais” e a *Liturgia Diária* (Paulus) que contêm as leituras dominicais e um comentário às mesmas são úteis para a atualização da Palavra de Deus na vida dos crentes. Os suportes multimédia relacionados com a oração a partir da Palavra de Deus (passo-a-rezar e iVangelho) são também uma iniciativa bem-recebida.

Há muitos cristãos que depois de dez anos de catequese raramente têm ou não têm mesmo um confronto pessoal com a Palavra. Alguns referiram que a Palavra de Deus não é central na oração pessoal, estando o único contacto limitado à Eucaristia, que alguns justificam com a falta de preparação ou de tempo. Também nas catequese, muitos sentem uma distância excessiva relativamente à Palavra. Porém, muitos afirmam a centralidade da Palavra na sua vida de oração.

A maior parte dos cristãos afirmam que a liturgia é bela, particularmente na Sé, que se torna modelo para a diocese. O envolvimento e a disposição do padre e dos ministros são relevantes nesta temática. Foi referido que a diversidade de instrumentos musicais na liturgia é positiva. Muitos afirmam que falta formação no exercício dos ministérios, no sentido de serem vistos como serviço e não como exaltação. Há ainda, porém, quem vá fazendo orações paralelas, como o terço. Alguns referiram que se sente um certo excesso de improvisação nas homilias, que não têm a devida preparação nem se fundamentam na Palavra proclamada. Alguns sentem perplexidade pelo facto de os seus pastores lerem a homilia, sem esforço para chegar à assembleia. No sentido contrário, alguns reconhecem também o cuidado dos seus pastores na preparação da homilia.

2. DESAFIOS (PELAS TRÊS DIMENSÕES FUNDAMENTAIS DA AÇÃO DA IGREJA)

2.1. Liturgia e Espiritualidade [Sacerdotal]

2.1.1. Liturgia

Assegurar um espaço de culto embelezado, na consciência de que uma liturgia bem celebrada atrai e é espaço de serenidade também para os não-crentes.

Desenvolver a formação e a preparação para quem exerce ministérios na liturgia (leitores, coro, acólitos, ministros extraordinários da comunhão). E evitar a acumulação de ministérios e serviços. Alguns referiram a oportunidade de apostar na ação dos ministros extraordinários da comunhão.

Cultivar a atenção e a preparação das leituras dominicais, bem como promover a formação necessária para a vivência da liturgia (catequeses que incidam sobre a dimensão simbólica da liturgia).

Integrar adequadamente as crianças na missa e adaptar a própria celebração à faixa etária da assembleia.

Promover uma maior proximidade e informalidade entre o padre e a assembleia.

Integrar a vida concreta da comunidade na Oração dos Fiéis.

Assegurar que a unidade entre os diversos grupos das paróquias e das comunidades se reflita nas celebrações mais importantes ao longo do ano.

Promover celebrações litúrgicas no exterior.

Inculturar certos modos de alguns povos celebrarem a liturgia, a fim de que estes se sintam integrados.

2.1.2. Espiritualidade

Educar para a adequada devoção aos santos e para a piedade popular, que se deve fomentar, a partir, por exemplo, das festas dos padroeiros e da leitura das vidas de santos.

Fomentar grupos de oração e partilha de vida onde se confronte a Palavra com a atualidade, por meio, por exemplo da *Lectio* divina, assegurando que esse dinamismo chega também às famílias.

Desenvolver itinerários de oração pessoal nas comunidades, bem como a oração comunitária.

Educar para a importância da espiritualidade infantil, marcada pelas histórias da bíblia.

2.1.3. Sacramentos

Crescer na consciência batismal e desenvolver um acompanhamento adequado que forme e alimente a vivência dos sacramentos recebidos.

Repensar o itinerário catequético de modo a que se veja o crisma não como sacramento da maturidade, mas como o que prepara para a maturidade: sacramento da iniciação cristã em ordem à maturidade.

Promover preparações para o matrimónio em bairros desfavorecidos.

2.2. *Kerygma* e Evangelização [Profético]

2.2.1. Catequese

Dar prioridade à formação dos catequistas, promover a partilha de experiências entre catequistas.

Desenvolver modalidades de catequese que se afastem da escolarização da vida cristã, aprendendo com os itinerários do Caminho Neocatecumenal, dos grupos de jovens e do CNE (recorrer a filmes, jogos e música).

Largar uma catequese doutrinal e normativa para abraçar uma catequese que ensine a relação com Jesus e eduque para a liberdade, que implique testemunhos de vida e dê a conhecer a vida dos santos. A centralidade da Palavra de Deus deve ser alcançada, na procura de uma catequese mais querigmática e mistagógica.

Acompanhar, também catequeticamente, e procurar a proximidade com as famílias das crianças da catequese, por exemplo, por meio de atividades lúdicas.

Promover as catequese de adultos e de aprofundamento da fé, incluindo também iniciativas dirigidas à terceira idade.

Dar continuidade à formação catequética das crianças, por meio dos grupos de jovens. Deve-se assegurar a beleza e a exigência dos itinerários catequéticos, sem ter medo de ir ao fundo das questões.

Complementar a catequese presencial com elementos de reflexão e suplementos on-line de esclarecimento de dúvidas.

Promover catequese em bairros desfavorecidos.

Renovar gradualmente o corpo de catequistas.

Quanto à experiência catequética em colégios, colocam-se questões: será que consegue transmitir a dimensão eclesial e paroquial? Ou é demasiadamente escolarizada? Conduz a uma recepção dos sacramentos desintegrada da vivência comunitária.

2.2.2. Formação permanente

Promover os grupos de estudos bíblicos e os grupos que, pela formação que recebem, estejam aptos a dar as respostas possíveis numa sociedade urbana e secularizada. Alguns afirmam a importância de que estas formações sejam também dadas por leigos.

Promover formações dirigidas especialmente para pais e educadores.

Desenvolver o acompanhamento formativo daqueles que recebem os sacramentos da iniciação cristã.

Promover a formação litúrgica, de modo que haja uma maior compreensão dos mistérios celebrados.

2.2.3. Homilia

Muitos referiram que uma homilia longa, repetitiva ou muito teórica distrai e dispersa. A homilia deve ser feita com fervor, assegurando a boa dicção, com o intuito de chegar ao coração de quem escuta, especialmente ao dos indecisos, despertando a sua fé. No mesmo sentido, referiu-se a importância de o pregador ter uma formação bíblica consistente.

Assegurar que a homilia se refira ao concreto da vida dos cristãos e os interpele, partindo sempre da Palavra proclamada. Houve quem referisse que era importante uma homilia mais dialogada e participada.

Procurar que a homilia seja preparada tendo em conta o tipo de pessoas que a vai ouvir, e não se foque nas posições pessoais do pregador. Referiu-se também que seria bom que a preparação da homilia fosse feita em conjunto com outros padres ou leigos.

Garantir que a homilia não se torne um lugar de repreensões ou críticas negativas e desanimadoras, procurando a boa disposição e a afabilidade.

A homilia pode ser uma enorme oportunidade de um primeiro anúncio em situações muito concretas como uma celebração de exéquias ou até mesmo na celebração de um matrimónio.

2.2.4. Kerygma

Falar de Deus também pelo exemplo e pela coerência de vida, tanto pessoal como comunitariamente. Procurar estabelecer amizades verdadeiras com os que estão longe da fé, assegurando que Jesus se torna presente pela proximidade humana.

Construir sites de reflexão e interação com a comunidade local, que contenham informações sobre os conteúdos da fé. Desenvolver com profissionalismo uma presença evangelizadora nas redes sociais.

Fazer, no anúncio de Jesus, um uso inteligente do contexto social e profissional em que vive aquele que anuncia, bem como dos carismas e recursos pessoais de que dispõe, fundamentando a ação evangelizadora num discernimento que ajude a hierarquizar prioridades.

Despertar a ânsia pelo anúncio de Jesus, que acontece pessoa-a-pessoa, ganhando coragem para fazer convites explícitos para atividades concretas das comunidades cristãs. No caso dos jovens, é importante promover que sejam os próprios a desafiar outros jovens para pertencerem aos grupos das comunidades. Neste contexto, é importante que aprendamos a anunciar sem imposição e com o respeito necessário pelos nossos interlocutores, num testemunho de vida que dê conta da opção pelos pobres e pelos que sofrem. É, para tudo isto, necessário que tenhamos a coragem de nos assumirmos como cristãos nos nossos círculos de relações, conscientes da responsabilidade que isso nos traz.

Realizar o anúncio em contexto familiar, fazendo da família o sujeito da evangelização, e rezar por aqueles a quem se dirige a nossa ação evangelizadora.

Fazer da ajuda aos sem-abrigo, das distribuições de alimentos pelos mais carenciados, das visitas aos hospitais e aos estabelecimentos prisionais um lugar de anúncio explícito de Jesus, procurando estabelecer uma verdadeira pastoral da visitação, que expresse os gestos de Jesus.

Distribuir passagens bíblicas porta-a-porta pode ser uma atividade fecunda, sendo importante, por outro lado, que se evangelize também dando a conhecer o significado que os textos bíblicos têm para a vida dos crentes.

Promover a aprendizagem das diferentes metodologias de evangelização já em prática, por exemplo, o CNE, os Cursilhos, o Curso Alpha, as Equipas de Casais de Nossa Senhora e outros movimentos.

Foi proposta a instituição do “dia dos cristãos não praticantes” para que, por meio de debates e de troca de ideias, se criasse um lugar de encontro com os que estão mais longe da prática cristã.

Desenvolver propostas de caminho que se dirijam particularmente àqueles que podemos chamar os casos mais urgentes, como o meio académico, as famílias, o sector económico e as classes dirigentes.

Evitar que o *kerygma* seja confuso, contrariando os sincretismos religiosos em que muitos põem a sua fé.

Alguns falam na importância de implementar técnicas específicas de marketing para o melhoramento da ação evangelizadora.

O universo da imagem precisa de ser pré-evangelizado para compreender as imagens cristãs e educar para uma estrutura humana que seja capaz de acolher o Evangelho.

Promover um grupo de catequistas que faça a ponte com a formação oferecida pelo patriarcado e dinamize, esporadicamente, a catequese paroquial.

Promover retiros para os catequizandos, principalmente nos tempos fortes.

Desenvolver uma atitude confiante face à realidade de que os frutos pastorais possam não ser imediatos.

2.2.5. Acolhimento

Dar espaço a todos, nomeadamente aos jovens, para exprimirem as suas ideias; e saber responsabilizar os mais novos, a fim de que o seu vínculo à comunidade seja mais efetivo.

Desenvolver estratégias apropriadas para o acolhimento dos imigrantes e para a sua vivência dos sacramentos, bem como para as pessoas de outras culturas.

Ter a consciência de que são os agentes pastorais que devem adaptar a sua linguagem aos grupos a que se dirigem e não esperar uma adaptação destes a uma linguagem já existente e, por vezes, já gasta e distante.

Procurar integrar cada pessoa de acordo com o concreto da sua vida, conduzindo-a para o grupo ou sector da comunidade em que esta mais se possa rever.

Promover atividades lúdicas para que possam ser lugar de encontro e acolhimento.

Garantir a formação, a dedicação pessoal e a disponibilidade daqueles que são mais responsáveis pelo acolhimento nas comunidades, para que seja patente o seu interesse e envolvimento com as pessoas que acolhem e com os seus respetivos problemas. Caso não existam, é importante que se criem grupos de acolhimento.

Desenvolver canais de comunicação com aqueles que não se envolvem muito nas paróquias, nomeadamente, com os pais das crianças da catequese.

Alguns apelaram para a importância de o padre permanecer no fim das celebrações para se despedir dos fiéis, bem como para a importância da presença assídua do padre nas reuniões dos diversos grupos.

É necessário que se façam convites sem compromisso e que haja uma gradualidade no exigir de uma integração mais empenhada.

Não separar o acolhimento da misericórdia.

Cultivar uma união inter geracional nas comunidades cristãs.

Para um anúncio e uma vivência da fé mais articulados, é importante que se sincronizem os esforços, por exemplo, por meio de um coordenador que promova atividades conjuntas e assegure a interligação dos distintos grupos das comunidades.

2.3. Diaconia e Serviço [Real]

2.3.1. Pastoral familiar

Apresentar propostas para a oração em família, que contenham, particularmente no Advento e na Quaresma, a possibilidade de as famílias convidarem os seus conhecidos sem prática cristã para um encontro nas suas casas.

Insistir na catequese doméstica.

Alguns referem a importância de não excluir os divorciados recasados. Os que não podem comungar sacramentalmente devem ser incentivados a comungar espiritualmente.

Desenvolver mecanismos de acompanhamento das famílias depois dos sacramentos, seja no caso dos jovens casais, seja no caso dos batismos e crismas. O mesmo se pode dizer relativamente às famílias que estão de luto.

Propor um percurso de fé mais exigente como preparação para o matrimónio.

Incentivar as famílias a falar de Jesus aos filhos.

2.3.2. Pastoral vocacional

O acompanhamento vocacional devia ser mais próximo. A formação dos sacerdotes poderia contemplar períodos de formação em países estrangeiros, no contacto com culturas distintas.

2.3.3. Pastoral juvenil

Direcionar para as Jornadas Mundiais da Juventude.

Preparar fóruns online para jovens, onde pudessem tirar dúvidas.

Promover grupos ligados ao teatro e às artes.

Maior acompanhamento do CNE.

Promover o acompanhamento de namorados.

Desenvolver actividades como retiros e acampamentos.

2.3.4. Pastoral social

Alguns referiram a urgência de se criar uma pastoral do trabalho.

Divulgar os documentos do magisterio, como a *Caritas in veritate* e a *Laudato si* nos meios empresariais.

Combater o espírito consumista da nossa sociedade, recorrendo aos exemplos como o da Caritas, do Banco alimentar, da Entreeajuda, das Lojas de solidariedade social, da Comunidade Vida e Paz, do Apoio à vida, das Missionárias da Caridade (Madre Teresa) e das famílias SOS.

Fomentar os movimentos de caridade e voluntariado paroquial.

Desenvolver estruturas de apoio aos jovens mais desfavorecidos para que não se deixem cair no crime ou no fanatismo religioso.

A evangelização deve dirigir-se para fora dos limites físicos da paróquia: bairros desfavorecidos, trabalhadores deslocados, universitários.

Promover um acesso facilitado à cultura e à educação por parte dos mais desfavorecidos, por meio do ensino da música, caminhadas, teatro, explicações.

2.3.5. Pastoral da saúde

Sensibilizar as comunidades para a importância de visitar os doentes, nomeadamente os jovens e as crianças.

Aprofundar a dimensão evangelizadora do cuidar, nomeadamente o papel dos sacramentos como experiências de cura.

Ajudar a uma maior compreensão do sofrimento humano, a partir da perspectiva cristã.

2.3.6. Pastoral prisional

Tornar a presença do assistente religioso e dos seus colaboradores mais visível nas prisões.

2.3.7. Pastoral da mobilidade/turismo

2.3.8. Pastoral da cultura

Promoção de conferências e debates abertos à sociedade civil, protagonizados por pessoas da área da teologia e da arte cristã.

Saber desafiar o mundo das artes para o serviço do bem comum. E, no seio da Igreja, potencializar a criatividade.

Cuidar mais das relações com as instâncias culturais, políticas, educacionais e de comunicação.

Aprender a contemplar a beleza da criação.

2.3.9. Administração paroquial

Abandonar os exclusivismos, procurando que não sejam sempre os mesmos a ter as responsabilidades.

Procurar que as reuniões tenham uma ordem de trabalhos pertinente.

2.3.10. Administração diocesana

2.3.11. Diálogo ecumênico e diálogo inter-religioso

Procurar fazer orações ecumênicas, a partir, por exemplo, das orações de Taizé, que habitualmente são usadas em meio exclusivamente católico.

Promover lugares de encontro com a cultura de outros povos, como, por exemplo, exposições de arte.

3. FORMAS DE ENSAIO

Em algumas paróquias, os párocos têm marcado um dia em que recebem os cristãos para o aprofundamento da fé.

O curso Alpha, os encontros com biblistas e as terças.com têm sido lugares de evangelização.

Realização de semanas missionárias, cujos frutos foram visíveis.

Foram criados grupos de missão e fizeram-se noites de oração ecumênicas.

Um testemunho de um peregrino que, ao ter colocado uma fotografia da respetiva peregrinação no seu local de trabalho, tem tido oportunidade de conversar e evangelizar.

Iniciativas de missão intra paroquial em São Sebastião.

4. SUGESTÕES PARA O MELHORAMENTO DA CAMINHADA SINODAL

Sugere-se que as questões não sejam tão repetitivas ou tão próximas umas das outras.

Sugere-se que a elaboração dos guiões tenha mais em conta a concretude da vida paroquial.